

AQUISIÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE SUPERESTRUTURA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS

*Marco Antônio Rodrigues Vieira**

RESUMO

O presente artigo descreve a aquisição da superestrutura na produção de textos narrativos, descritivos e argumentativos produzidos por alunos de 2^a e 4^a série do primeiro grau.

Palavras-chave: superestrutura, produção de textos narrativos, descritivos e argumentativos.

ABSTRACT

Description of superstructure acquisition in the production of narrative, descriptive and argumentative texts written by students of 2nd and 4th grades from elementary Brazilian school.

Keywords: superstructure, narrative, descriptive, argumentative's textproduction.

INTRODUÇÃO

De maneira geral, pode-se afirmar que depois de ouvir ou ler um texto/discurso se é capaz de dizer que é uma história e não um anúncio, uma receita ou coisa semelhante. Estes tipos de texto se diferenciam entre si não só por suas diferentes funções comunicativas e sociais, mas também por possuírem diferen-

* Doutor em Linguística pela Universidade de Montréal (Canadá) e professor do Departamento de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul/RS. mvieira@unisc.br

tes tipos de construção. Isso equivale dizer que todo falante-ouvinte domina certas regras convencionais de construção textual, pois elas pertencem a sua capacidade lingüística e comunicativa geral. Pelo menos em certos tipos de texto/discurso se pode dizer que esta construção especifica uma estrutura esquemática, denominada superestrutura. É nesse sentido que se pode afirmar que histórias têm um esquema narrativo¹, argumentações possuem um outro em forma de silogismo lógico, pois, além de dar uma forma global ao texto/discurso, torna explícitas certas categorias ou elementos que definem um tipo de texto/discurso.

Entende-se pois, como superestrutura, a forma global sob a qual um texto se organiza e se caracteriza. É, portanto, uma espécie de esquema ao qual o texto se adapta. Compõe-se de uma série de unidades de uma categoria determinada que está vinculada a partes do texto prévia e hierarquicamente ordenadas. Portanto, ela não só permite reconhecer o gênero textual, mas também determina a ordem global de suas partes (DUK, 1996). Em termos mais técnicos, uma superestrutura é uma estrutura formal, muito semelhante à sintaxe de uma oração, que possui um conteúdo semântico, denominado macroestrutura, que a preenche. (GUIMARÃES, 1990)

Dessa forma, pode-se afirmar que, em princípio, qualquer texto/discurso tem um mesmo esquema, mas com conteúdo diferente. Por causa disso, a superestrutura pode exercer um papel muito importante no ensino-aprendizagem da leitura e da produção textual. Primeiro, por razões gramaticais. Mesmo sem dominar perfeitamente um sistema gramatical, um falante-ouvinte é capaz de se expressar através dele sob várias formas de superestrutura. Segundo, por razões cognitivas, pois tudo leva a crer que o domínio da superestrutura organiza o processo de leitura, compreensão e (re)produção do texto/discurso.

Em função disso, deve-se postular uma teoria que não só explique quais representações de superestrutura se tem na memória, mas também como é produzida num determinado processo de interpretação e organização do mundo, uma vez que a maioria dos falantes a conhece, reconhece e emprega. Isso significa que ele possui uma base psicológica em forma de regras-processos-categorias cognitivos, pois domina implicitamente um sistema de categorias e de regras e o aplica.

Narração

Os textos narrativos são formas básicas globais importantes na comunicação textual. Elas estão presentes na comunicação cotidiana sob várias formas.

¹ Deve-se notar que o esquema de uma notícia é muito semelhante à narração. As funções são as mesmas, mas a formulação é diferente.

Primeiro, quando se narra o que se passou, em conversas ou focos. Essa narração simples e natural num contexto situacional é oral e única, ainda que se possa anotar os eventos em diários, cartas. Em seguida aparecem os textos narrativos que apontam para outros tipos de contexto, como as piadas, os mitos, por exemplo. Em terceiro lugar, as narrações mais complexas como contos, novelas.

A característica básica de um texto narrativo é que se refere a ações de pessoas, às quais as descrições de circunstâncias, objetos ou outros eventos estão claramente subordinados. Do ponto de vista pragmático, o falante só contará o que é interessante ou novidade, pressupondo-se que só se comunicam eventos ou ações que, até certo ponto, desviam de uma norma, de uma expectativa ou de costumes. Em suma, um texto narrativo deve possuir como referentes mínimos um evento e uma ação que cumpram o critério de interesse. Para Labov e Waletzky (1967), a superestrutura da narrativa se compõe das seguintes partes.

I - Resumo

Síntese da história.

II - Orientação

Apresentação dos personagens e do cenário

III - Complicação

Sucessão de eventos desdobrados que levam inesperadamente a algo que vai se complicando, estabelecendo-se uma crise.

IV - Resolução

A crise é resolvida e as coisas voltam a sua normalidade ou há alguma espécie de equilíbrio.

V - Avaliação

Avalia-se o comportamento dos personagens ou da maneira como foi resolvida a trama.

VI - Coda

Expressa-se a atitude com relação à própria história, dando a visão de sua importância.

Numa redação da 2ª série os alunos já são capazes de construir uma história que contenha os elementos fundamentais da superestrutura da narrativa.

(1) a - Era um menino que se chamava Ricardo

b - ele estudava na aula de desenho.

c - Ele chegou na escola

Orientação

d - e Ø viu um quadro

e - mas o quadro era auto

Complicação

f - E o menino teve uma idéia
g - e ele fez um banco

h - e Ø levou o banco para a sala
i - e ele sentou no banco
j - e o quadro quase que caiu.

Resolução

Isto também ocorre com os da 4ª série. No entanto, há diferenças em termos de estrutura textual que devem ser mencionadas.

(2) a - Certo dia, Claudio² entrou numa escola de desenho

b - a sala era muito espaçosa.
c - Ele entrou na sala.

Orientação

d - Ø viu que a prancheta estava muito grande para ele.

e - Então Ø levou o banquinho
f - e Ø fez um banco maior Ø.

Complicação

g - Ø levou-o para perto da prancheta
h - e Ø subiu Ø.

i - Logo que Ø subiu Ø
j - a prancheta caiu.

Resolução

l - Foi uma confusão.

Avaliação

Em termos de estrutura narrativa, os dois textos são semelhantes. Esta análise parece indicar que a capacidade de estabelecer a sucessão de eventos é adquirida muito cedo, apesar de que o texto (1) seja linear e o (2), não. Neste, a criança traça a sucessão de eventos com marcas explícitas de tempo ou de causa.

Descrição

Como o conhecimento que se tem sobre superestrutura é limitado, não fica excluída a hipótese de que haja textos que não possuem uma estrutura convencional e outros cujas formas são institucionalizadas ou fixadas como, por exemplo, leis, contratos. Dessa forma, o problema da superestrutura para todos os textos é empírico e precisa de mais observação e descrição sistemáticas. Isso parece claro na descrição. Tudo indica que até o momento só podemos formular

² Mantém-se durante o trabalho a ortografia empregada pelos alunos.

categorias e regras para determinados tipos de textos descritivos. É o caso, por exemplo, de textos que procuram dar instruções sobre regras e estratégias de um jogo. Segundo Evans (1980), um jogo se constitui de uma seqüência temporal que determina as ações e a sua progressão para identificar o seu final ou o vencedor. O jogo se baseia então numa ordenação lógica de procedimentos, estabelecendo as condições em que uma regra se aplica e suas conseqüências. Propomos a seguinte superestrutura para o texto descritivo/explicativo³ de regras de um jogo.

- I - Orientação
 - A - Participantes
 - I - Funções
 - B - Objetos
 - C - Objetivos
- II - Estado inicial
 - A - Armação do jogo
- I - Regras ou condições gerais
- III - Progressão
 - A - Ação
 - I - Reação
 - a - Conseqüência
 - b - Resultado
 - B - Seqüência
 - 1 - Rotatividade
 - C - Final
 - 1 - Vencedor

A criança da 2ª série descreve as ações dos jogadores desdobradas em três movimentos simplificados dentro da *progressão*: *ação, reação e resultado*.

(3) a - A pessoa corre Ação 1

b - si o outro Ø pega ele Reação 1

c - ai o pique esta com ele Resultado/seqüência

³ A superestrutura do texto descritivo é muito variada. Assim, para cada fenômeno a ser descrito/explicado há praticamente uma superestrutura própria. Por exemplo, há diferença na superestrutura de um texto explicativo de uma receita de cozinha, de uma receita médica, do funcionamento de um aparelho, só para citar alguns exemplos. Para detalhes sobre o assunto e tentativa de se estabelecer uma superestrutura única para o texto descritivo, veja MARQUESI (1996).

d - Ai o Ø que esta no pique pegou o outro Ø **Ação 2**

e - ai Ø fica com ele **Resultado/seqüência**

O esquema textual empregado pela criança da 2ª série demonstra que ela descreve o jogo como vê as ações dos jogadores. Conseqüentemente, é um texto típico da fala, centralizado na sua visão dos movimentos dos jogadores e na sua experiência como jogador.

Se o esquema textual difere pouco na narração entre crianças da 2ª e da 4ª série, o mesmo não ocorre com a descrição. A forma como o aluno da 4ª descreve o funcionamento do jogo é muito mais complexa do que o da 2ª. Pode-se observar que o texto da 4ª série contém orientação, mas a diferença básica está na etapa da progressão. O texto da 4ª deixa então de ser linear e passa a relacionar os procedimentos de uma forma mais clara.

4a - Nessa brincadeira podem entrar mais de 5 meninos

b - O tipo dessa brincadeira é assim:

Orientação

c - Uma pessoa esconde uma tampa de garrafa, por exemplo. **Ação 1**

d - E os outros meninos escondem seus rostos

e - Ø não podem olhar Ø.

Reação 1

f - Quando a pessoa acabou de esconder Ø

g - Ø grita assim: 'tico-tim queimado quem escondeu foi Lubernado

Ação 2

h - então as pessoas que esconderam os rostos vai procurar a tampa de garrafa

Reação 2

i - e quem achar Ø vai escondê-la novamente.

Seqüência

A criança da 4ª série demonstra capacidade de analisar os componentes de cada regra e torná-las explícitas no código escrito. Como a descrição exige detalhamento, a operação implica um grau mais elaborado de habilidade lingüística que a narração. Por conseguinte, nos dois tipos de texto a criança deve

resolver problemas de ordem variada.

Argumentação

Numa argumentação tenta-se convencer uma pessoa da aceitabilidade ou não de uma opinião expressa por meio de argumentos que justificam ou refutam uma posição através de fatos ou idéias. Numa argumentação simples pode-se determinar uma estrutura composta de três estágios (EEMEREN e GROOTENDORST, 1984).

I - Abertura

A - Identificação do problema

B - Formulação da hipótese

1 - Posicionamento

II - Desenvolvimento da argumentação

A - Apresentação da tese

1 - Posicionamento

2 - Suportes

a - Evidências

III - Fechamento

A - Conclusão

De um ponto de vista informacional, para suportar seu posicionamento, a criança da 2ª série lança mão de evidências baseadas na experiência que é culturalmente saliente, servindo-se principalmente do recurso da reiteração.

(5) a - Eu não gostaria de 15 dias para férias **Posicionamento**

b - porque as crianças não vêem as avós, os avós, as tias, etc.

Suporte 1

c - E em fim as professoras e orientadoras não conseguem ensinar as crianças.

Suporte 2

d - E todo o país gasta muita energia.

Suporte 3

e - Os pedreiros não conseguem trabalhar direito.

Suporte 4

f - Os professores de judo, carate e cunghu não conseguem dar aula

Suporte 5

g - Até os personagens das revistas concordam comigo. **Conclusão**

O texto do aluno da 2ª série tende a ser linear e por isso os argumentos tornam-se desamarrados. Na 4ª série as coisas não se passam diferentemente. Parece-nos que a falta de experiência com o esquema argumentativo pode ser a responsável pela incapacidade de o aluno apresentar, na 4ª série, uma linha de argumentação com a qual possa defender seu ponto de vista.

6a - Um dia, o governador resolveu diminuir as férias.

b - Então Ø pediu que Ø chamasse uma escola de cada 3 cidades.

c - As cidades eram: Viçosa, Juiz de Fora e Ouro Preto.

Identificação do problema

d - Quando os alunos e as professoras de cada escola chegaram

e - o governador os visitou

f - e Ø perguntou se Ø aceitariam Ø. **Posicionamento 1**

g - Quase todas as crianças não aceitaram diminuir Ø, **Posicionamento 2**

h - poucas crianças aceitaram diminuir Ø. **Posicionamento 3**

i - As professoras aceitaram Ø, **Posicionamento 4**

j - então o governo resolveu diminuir para 15 dias as férias de julho. **Conclusão**

O texto da 4ª série se caracteriza também pela reiteração. Além disso, é muito mais um relato do que uma argumentação, não ocorrendo nem um suporte para defender seu ponto de vista. O aluno se contenta em relatar o resultado de uma visita, sendo incapaz de construir um argumento com base em premissas que levam a uma conclusão. Logo, pode-se pressupor que não consegue elaborar os elementos que sustentam sua tese, pois não consegue especificar as passagens de uma premissa para outra e assim dar sentido a sua linha de argumentação.

CONCLUSÃO

Como se pode observar, os problemas que as crianças enfrentam durante a etapa de construção de textos escritos variam. Logo, as estratégias adquiridas para um tipo de texto não são aplicáveis ou transferíveis a outro, pois seus esquemas são diferentes e exigem outra forma de estratégia na sua elaboração.

No entanto, esta descrição formal das superestruturas é provisória, pois a formulação explícita de uma teoria só pode se dar adequadamente sobre a base de observações sistemáticas, tal qual ocorreu com o sistema gramatical. Sabe-se muito pouco sobre as superestruturas e, mesmo que se tivesse uma sintaxe elementar para um determinado sistema de superestruturas, faltaria uma semântica que comportasse o conteúdo, o significado, a referência ou a função das estruturas.

Por fim, supomos que além da gramática há outro sistema que determina a estrutura de textos. Este sistema não só estabelece uma estrutura textual em abstrato, mas também demonstra que os falantes a conhecem e a aplicam adequadamente, mesmo sem receber nenhuma instrução formal a respeito. Por isso, pode-se afirmar que um falante é capaz de produzir e interpretar textos de acordo com este sistema convencional, como também diferenciar os que possuem superestruturas corretas daqueles que não as têm, pois é capaz, em princípio, de reconhecer se um enunciado é ou não total ou parcialmente uma narração, descrição ou argumentação.

REFERÊNCIAS

- DUIJK, T. A. van. *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós, 1996.
- EEMEREN, F. H. van; GROOTENDORST, R. *Speech acts in argumentative discussion*. Dordrecht: Foris, 1984.
- EVANS, M.A. *Children's explanations of childhood games: a study in communicative development*. Waterloo: University of Waterloo, 1980. (Tese de Doutorado)
- GUIMARÃES, E. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narratives analysis oral versions of personal experience. In: HELM, H. (Org.). *Essays on the verbal and visual arts: proceedings of the 1966 annual spring meeting of American ethnological society*. Seattle: University of Washington Press, 1967.
- MARQUESI, S. C. *A organização do texto descritivo em língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1996.